

DIVISÃO POLÍTICA EM PODCASTS: newsmaking, discursos enviesados e vilificação do “outro”^{1 2}

POLITICAL DIVISION ON PODCASTS: newsmaking, biased discourses and political vilification of the “other”

Daniel Gambaro³
Nivaldo Ferraz⁴

Resumo: *Este artigo observa nove podcasts jornalísticos brasileiros para apontar estratégias discursivas usadas como estruturas para sustentar visões políticas de Brasil. Foram escolhidos episódios que dão repercussão a dois momentos relevantes de 2024: a aprovação da urgência do PL do Aborto, em junho, e o anúncio do pacote fiscal do ministro Fernando Haddad, em novembro. Por meio de técnicas de análises de conteúdo e de discurso, são indicados tratamentos e sentimentos dados por apresentadores, comentaristas e entrevistados à informação e aos agentes em lados opostos do espectro político. Os resultados são discutidos à luz de teorias do newsmaking. Conclui-se que essas estratégias alimentam o engajamento do ouvinte por meio do alinhamento a algum ponto da divisão política brasileira.*

Palavras-Chave: *Podcast. Polarização. Visões de Brasil. Estratégias discursivas.*

Abstract: *This article examines nine Brazilian news podcasts to identify discursive strategies used as structures that underpin political views of Brazil. Episodes covering two relevant moments in 2024 were chosen: the approval of the urgency of the Abortion Bill in June, and the announcement of Ministry Fernando Haddad's fiscal package in November. Content and discourse analysis techniques are used to indicate the treatments and sentiments given by presenters, commentators, and interviewees to information and agents on opposite sides of the political spectrum. The results are discussed in light of newsmaking theories. It is concluded that these strategies fuel listener engagement through alignment with some point of the Brazilian political divide.*

Keywords: *Podcast. Polarization. Visions of Brazil. Discursive strategies.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Pesquisa realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2023/15121-0.

³ Pesquisador pós-doutorado no IFCH-Unicamp, Doutor e Mestre em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP, d.gambaro@outlook.com

⁴ Centro Universitário Belas Artes, Doutor em Meios e Processos Audiovisuais e Mestre em Comunicação pela ECA-USP, ferraznivaldo@gmail.com

“Existe uma polarização política no país: é como se fosse Corinthians e Palmeiras, Ceará e Fortaleza, Grêmio e Internacional, Atlético Mineiro e Cruzeiro, Flamengo e Vasco. Tem uma rivalidade em que ninguém muda de posição a não ser em momentos extremos.”

Presidente Luís Ignácio Lula da Silva, 17 de dezembro de 2025 (Roxo et al., 2025)

A “polarização” se tornou “parte do cotidiano”, afirma o jornalista e colunista político Thomas Traumann (2025) em matéria da revista *Veja* de outubro de 2025. No texto, o jornalista dá repercussão a uma pesquisa Genial/Quaest que apontou que 83% dos eleitores consideram que o país está mais dividido. O termo polarização é uma chave explicativa usada por políticos e jornalistas, editorialistas e colunistas, discurso recorrente que vem acompanhado de apelos por “unificação” e “pacificação”. Esvazia-se, assim, do seu sentido original, e surgem dúvidas sobre a existência real ou virtual de polos em equilíbrio que justifiquem seu emprego (Fuks; Marques, 2022).

Todavia, por certo há uma divisão política que é percebida no fluxo de informações em circulação. São visões de Brasil (Ortiz, 2015) que apresentam nuances e, apenas simplificada-mente, podem ser agrupadas em lados como à direita ou à esquerda. À guisa de exemplificação sobre como diferentes agentes articulam visões de mundo nos espaços do ecossistema midiático, este artigo observa um conjunto de podcasts que se afirmam jornalísticos. O foco recai, principalmente, sobre a forma como a representação do outro é articulada pelos apresentadores, comentaristas e convidados, alimentando as divisões políticas em nome da audiência.

Podcasts não são a fonte de informação primária⁵ para boa parte da população brasileira. Contudo, dada a sua forma cultural (Kischinhevsky, 2024), o *podcasting* assume outros papéis na circulação (Fausto Neto, 2018): permite o fortalecimento de certas formas discursivas, que ganham legitimidade a partir da identidade compartilhada com apresentadores dos programas; tornam-se câmaras de repercussão de informações, atuando na manutenção dos discursos em circulação; alimentam, por meio de “cortes” e compartilhamento, o “fluxo adiante” (Braga, 2017) operado pela audiência e que sustenta a circulação.

Assim, neste texto nós vamos apontar recursos e estratégias discursivas empregados por podcasters para dar suporte às suas “visões de Brasil”. Escolhemos dois momentos da política nacional em 2024 – descritos na metologia – para mostrar, sob a luz de teorias do *newsmaking*,

⁵ O Reuters Digital News Report de 2025 (Newman, 2025) indica que 54% dos brasileiros se informam por meio de redes sociais em geral, sendo que, para 35%, essa é a fonte primária de informação. Podcasts são fontes de informação para 10% dos brasileiros.

como o tratamento dado ao tema e ao “outro lado” refletem tomadas de posição e a construção de “fronteiras simbólicas” (Lamont; Molnár, 2002) que alimentam a relação com a audiência. Na próxima seção apresentamos as metodologias empregadas para análise dos programas e, em seguida, os dados produzidos a partir da combinação de análise de conteúdo e de discurso. A seção três discute criticamente esses resultados a partir de uma leitura das tradições jornalísticas.

1. Metodologia

Os podcasts analisados neste artigo foram selecionados a partir do *corpus* maior de uma pesquisa que investiga as relações políticas no mercado de podcasting. Em um primeiro momento, foi realizada uma tecnografia (Bucher, 2018) para compreender como plataformas de streaming identificam o tema “política” na oferta de podcasts. Isso resultou em uma lista de mais de 900 programas. Após sucessivos refinamentos com relação a atividade, alcance e relevância, foram selecionados 32 podcasts com orientações diversas⁶. Os nove programas analisados neste artigo são aqueles que informam uma vocação jornalística:

- *O Assunto*, podcast de Natuza Nery no portal G1 – não indica inclinação política.
- *A Hora*, podcast de José Roberto Toledo e Thais Bilenky no portal UOL – não indica inclinação política.
- *Política CBN*, que reúne diferentes colunistas de política da rádio CBN – não indica inclinação política.
- *O É da Coisa*, programa de Reinaldo Azevedo na rádio BandNews FM – não indica inclinação política.
- *Foro de Teresina*, podcast da Revista Piauí conduzido por Fernando Barros e Silva, Ana Clara Costa e Celso Rocha de Barros – claramente inclinados à esquerda.
- *ICL Notícias*, noticiários veiculados nos canais e redes do ICL, convertidos em podcasts – declaradamente inclinados à esquerda.
- *Papo Antagonista*, programa em vídeo e podcast do portal *O Antagonista*, apresentado por Felipe Moura Brasil – claramente inclinados à direita.

⁶ Por uma questão de espaço, as tabelas e procedimentos da tecnografia foram omitidos aqui, mas estão publicados em outro artigo científico (Gambaro, 2025) e estão disponibilizados, de forma atualizada, no site da pesquisa (<https://www.gambaro.pro.br/podcastsepolitica>).

- *Pingos nos Is*, programa da rádio Jovem Pan de São Paulo – declaradamente inclinados à direita.
- *Oeste Sem Filtro*, noticiário em áudio e vídeo da Revista Oeste, de Augusto Nunes – declaradamente inclinados à direita.

Como nota-se nesta lista, não analisamos apenas podcasts “nativos”, e sim um conjunto de programas que, por indicação das plataformas de *streaming*, alimentam e formatam o mercado de podcasting brasileiro – mesmo que sejam recortes de programas de rádio e TV.

Foram selecionados os episódios que deram repercussão a dois fatos marcantes da política nacional em 2024, em que defensores de um ou outro lado do espectro político manifestaram-se conforme seus pontos de vista ideológicos

- Em junho de 2024, o PL 1904/2024 recebeu status de urgência para tramitação na Câmara dos Deputados, uma artimanha do então presidente da casa, Arthur Lira, para facilitar as negociações em torno do seu sucessor na presidência. O projeto, relatado pelo deputado Sóstenes Cavalcante, do Partido Liberal, equiparava aborto realizado após a 22ª de gestação ao crime de homicídio: uma mudança que penalizaria mães e médicos, dificultando a realização de abortos legais.
- o anúncio ao fim de novembro, pelo ministro da Fazenda Fernando Haddad, de um pacote fiscal que envolvia, de um lado, cortes de gastos públicos (como revisão de políticas sociais e redução de benefícios a determinados setores industriais) e, de outro, rearranjos na cobrança do imposto de renda, com isenção àqueles que ganham até R\$5.000,00 por mês e taxa mínima de 10% a rendas superiores a R\$1 milhão.

Os episódios foram ouvidos, transcritos com ajuda do software de IA TurboScribe, e analisados com auxílio do programa Atlas.TI para codificação de textos. Assim, foram mesclados métodos de análise de conteúdo valorativa – inspirada pelas metodologias de análise temática e categorial de Bardin (2011) – com técnicas de análise de discurso propostas por autores como Maingueneau (2015) e Charaudeau (2006). A utilização de metodologias de forma complementar se fez necessária porque, para a análise empreendida, foi necessário identificar os temas recorrentes e os sentimentos a eles coligados, utilizados pelos apresentadores como estratégias de vinculação com o seu público.

Para facilitar a análise do texto e a visualização de tabelas nas próximas seções, foram produzidas algumas codificações:

TABELA 1
códigos utilizados para classificar conteúdo e participações nos podcasts

Tratamento da informação	
Embasado	Os dados provêm de fontes confiáveis, como institutos de pesquisa, governo e instituições oficiais etc.
Apuração	Os dados são fruto de apuração conduzida pela equipe, com ou sem sigilo de fonte.
Terceiros	A validade dos dados é confiada a um terceiro que participa ou é mencionado no programa, sem mais comprovações.
Opinião	Opiniões são tratadas como fatos e dados, mas não são apresentados estudos que corroborem o ponto de vista
Dados sem fonte	São apresentados dados (especialmente números) sem informação de origem
Viés	Os dados apresentados são verdadeiros, mas são apresentados apenas parcialmente para confirmar o ponto de vista apresentado
Não comprovados	As informações apresentadas são de estudos em disputa, isto é, não há consenso sobre o tema
Distorção	É feita uma leitura distorcida de fatos e dados
Correção	Dados são apresentados e discutidos de modo a desconstruir narrativas enviesadas ou enganosas.
Fake news	Os participantes do programa estão propagando desinformação
Recursos Discursivos	
Opinião assertiva	Apresentador e/ou comentarista opina sobre o tema com firmeza, tratando seu posicionamento como fato por meio de suposto conhecimento sobre o tema.
Valores jornalísticos	Discurso afirma ser um jornalismo “independente”, ou reforça aspectos positivos do programa – como qualidade de apuração, experiência dos participantes etc.
Retórica discursiva	Utilização de recursos argumentativos que promovem envolvimento e emoção, como um discurso emocional, de distanciamento, irônico, combativo, erudito, entre outros.
Desmoralização	Utiliza retórica agressiva para desmoralizar e diminuir a importância de agentes de outro espectro político
Viés de terceiro	Utiliza as opiniões de um terceiro (participante ou não do programa) para legitimar a visão de mundo.
Inclinação apurada no episódio	
Esquerda ou Direita 3, 2 ou 1	Indica o grau de militância no episódio, da moderação ao extremismo.
Neutro	Episódio analisado tende à neutralidade

2. Resultados

Dado o limitado espaço de um artigo científico para desdobrar as inúmeras considerações sobre os programas, traremos apenas alguns pontos-chave gerais sobre os temas e uma análise mais detalhada sobre dois aspectos discursivos relevantes para compreensão das estratégias dos

podcasts: o tratamento de dados e informação e a responsabilização do outro. Tabelas complementares com as codificações utilizadas, bem como outras tabulações, estão disponíveis sob o título “Artigo Compós 2026” em <https://www.gambaro.pro.br/podcastsepolitica/repositorio>.

2.1. O projeto de lei do aborto

Os podcasts analisados ou avaliaram negativamente o projeto de lei, ou, ao menos, trataram o tema com cautela, apontando inconsistências (**Tabela 2**), com exceção a dois programas mais militantes à direita: *Pingos nos Is* e *Oeste Sem Filtro*.

TABELA 2
Quadro-resumo da atuação dos podcasts no caso do PL 1904/2024

Podcast	Tratamento da informação	Recursos Discursivos	Inclinação
A Hora	Embasado, Viés, Apuração	Valores jornalísticos, Opinião	Neutro
CBN Política ⁷	Opinião, Embasado	Valores jornalísticos, Opinião assertiva	Esq-1
O Assunto	Embasado, Apuração	Valores jornalísticos, Opinião assertiva, Viés de terceiro	Esq-1
O E Da Coisa	Opinião, Embasado	Valores jornalísticos, Opinião, Retórica (combativa)	Esq-2
Foro de Teresina	Embasado, Apuração	Opinião assertiva, Valores jornalísticos, Desmoralização (do outro)	Esq-2
ICL Notícias	Opinião, dados sem fonte	Valores jornalísticos, Opinião assertiva, Desmoralização (do outro)	Esq-2
Oeste Sem Filtro	Opinião, Viés, Distorção, Fake News	Desmoralização (do outro), Opinião assertiva	Dir-3
Papo Antagonista	Embasados, Opinião, Viés, Não comprovados, Distorção, Fake News	Retórica (Distanciamento), Valores jornalísticos, Viés de terceiro	Neutro
Pingos nos Is	Opinião, Distorção, Fake News	Opinião assertiva, Desmoralização (do outro), Retórica (emocional)	Dir-3

Percebe-se neste quadro que, na maior parte dos programas, houve preocupação em identificar a origem dos dados apresentados ao longo dos episódios. Há, também, a presença marcante de opinião em substituição a dados concretos, e alguma apresentação de informações que, todavia corretas, não tiveram suas origens mencionadas. Por outro lado, foi também comum a apresentação de dados científicos não comprovados, distorcidos ou incorretos.

⁷ O podcast CBN Política traz as participações de diferentes colunistas de sua programação no *broadcasting*, compilados em um podcast para consumo *on-demand*. Assim, as análises de valores consideram a média dos posicionamentos apenas no momento específico observado para análise.

Especificamente, os programas com essa anotação limitaram-se a replicar informação do Conselho Federal de Medicina de que o método usado para aborto após a 22ª semana (assístolia fetal) causa dor e sofrimento ao feto, enquanto a Organização Mundial da Saúde afirma o oposto ao recomendar essa forma segura de aborto.

Em relação ao grau de imparcialidade identificado nos programas, percebemos uma tendência, inclusive entre os programas tido como apartidários – i.e., que não indicam posição política – em defender valores próximos do campo progressista moderado (grau 1) ou mesmo mais militante (grau 2). Os dois podcasts inclinados à direita mostram posições extremistas (grau 3). Alguns apontamentos gerais sobre a abordagem ao tema em cada um dos podcasts são elucidativos (**Tabela 3**).

TABELA 3
Apontamos gerais sobre foco escolhido e condução da matéria

Podcast	Foco	Condução
A Hora	Articulações de Arthur Lira que tiveram o PL como alavanca. Violências contra as mulheres.	Os apresentadores usaram a situação como exemplo de chantagem de Lira contra o governo em relação a emendas parlamentares. Falaram mais sobre violência contra mulheres e pouco sobre o PL, tendo como exemplo a vulnerabilidade de mulheres na Amazônia, especialmente em Roraima. O tema “aborto” é mencionado apenas uma vez.
CBN Política	Malu Gaspar usa o episódio para demonstrar a fragilidade política de Lula diante do tema “aborto”. Muitas informações secundárias, sem indicação de fontes. Andréia Sadi se posiciona contra o PL e defende uma ampla discussão, sob um ponto de vista feminista. Merval Pereira associa as tentativas de criminalizar o “aborto” com a perigosa expansão da extrema-direita, mas não entra no mérito do PL. Vera Magalhães conversa com jornalista diretamente de Brasília, marcam oposição ao PL e criticam a atuação do legislativo.	
O Assunto	Pena ao estupro menor que à vítima. Dificuldades de acesso a direitos pelas mulheres no Brasil.	Natuzza Nery leva ao programa Daniela Lima, jornalista associada nas redes sociais a pautas de esquerda, e uma advogada feminista. Os argumentos são embasados em dados sobre o volume de estupros, casos reais de impedimento de crianças de acesso ao aborto legal, e comparação de penas.
O É da Coisa	Revitimização da mulher e de meninas, especialmente as mais vulneráveis.	Reinaldo Azevedo abre o programa com a música “Maria, Maria”. Seu discurso é duro e colérico. Traz dados com fontes e relembra casos anteriores de grande repercussão de estupro e de impedimento do acesso ao aborto – usados para atacar aqueles que querem diminuir os direitos das mulheres, em especial Sóstenes Cavalcante. São usados trechos selecionados de falas dos representantes do governo que sustentam o ponto de vista do apresentador.
Foro de Teresina	Dificuldade de acesso ao aborto legal e alto	No editorial de abertura, Fernando Barros e Silva indica repúdio ao PL, responsabiliza pessoas e conecta o projeto ao bolsonarismo.

Podcast	Foco	Condução
	número de gravidezes por estupro no Brasil.	Programa traz caso de menina que teve o procedimento atrasado por ordem da justiça. A jornalista que falou sobre o tema, no lugar de Ana Clara Costa, tem reportagem investigativa sobre aborto.
ICL Notícias	Retrocessos legais, com diminuição dos direitos das mulheres.	Um dos episódios analisados inicia com um poderoso editorial de Vivian Mesquita. As intervenções dos homens no restante do programa trazem, também, muitas camadas de sentimentos. Direcionam a responsabilização à extrema-direita e aos evangélicos. Trazem o caso da menina que teve o procedimento atrasado por ordem da justiça.
Oeste Sem Filtro	Fala de Lula sobre bebês frutos de estupro (“que monstro vai sair da barriga dessa mãe?”)	O Oeste Sem Filtro não tratou sobre o mérito do PL. Ignoram e minimizam o foco do debate (a maior dificuldade que as mulheres teriam para acessar o aborto legal). Ana Paula Henkel lidera as críticas às reações de membros do poder executivo.
Pingos nos Is	Resposta dos apoiadores do PL à repercussão negativa na imprensa e nas redes sociais. Teria sido um erro trazer o debate ao regime de urgência?	O comentarista liberal (Luiz Felipe D’Ávila) dá lugar ao deputado federal Delegado Palumbo, coautor do projeto, transformando o programa em uma propaganda do PL. Abordagem sensacionalista que enfatiza como assassinato brutal a assistolia fetal. O programa não traz opiniões contrárias ao PL. Desviam o foco, entretanto, para responsabilizar a esquerda por, supostamente, ser contra punir criminosos.
Papo Antagonista	Má-condução da discussão sobre a criminalização do aborto.	Apresentador e comentaristas aproveitam o tema para criticar o governo e, principalmente, Lula, por uma fala mal pensada. Apenas reportam falas de Arthur Lira, de deputados do PL e do CFM sem contextualizar as distorções e erros. Evitam tomar posição contrária ou a favor, mas usam o tempo do programa para “provocar” o campo progressista e sugerir que a bancada evangélica estaria sendo mal interpretada.

Ao analisar o projeto de lei, apresentadores, comentaristas e entrevistados deram variados tratamentos ao tema:

- indicaram que representaria um retrocesso legal ou que reduziria direitos das mulheres: Foro de Teresina, ICL Notícias, O Assunto e alguns comentaristas da CBN.
- Compararam as penas maiores para vítimas que para esturpadores praticamente todos os programas, com exceção de Pingos nos Is e Oeste sem filtro.
- Todos os programas, com exceção daqueles inclinados à direita, reprovaram o PL, muitas vezes classificando-o como cruel.
- *Pingos nos Is* e *Oeste Sem Filtro* enfatizam o feto como vítima, enquanto todos os demais programas indicam mulheres e crianças que sofreram estupro como as

principais vítimas afetadas pelo PL, dado que existe desigualdade de acesso ao aborto legal e boa parte dos crimes ocorre em casa. Demonstram, assim, **solidariedade** às e entre mulheres (p.ex., Vivian Mesquita, no *ICL*: “as mulheres, as meninas brasileiras, nós mulheres, a gente não tem direito sobre os nossos corpos, ainda que o nosso corpo tenha sido violado”). Três programas identificam que a vulnerabilidade é maior entre mulheres negras e periféricas: *A Hora*, *ICL Notícia* e *O É da Coisa*.

Ao observarmos o tratamento dado a indivíduos do lado oposto no espectro político, diferentes operadores simbólicos constroem uma cadeia de valores e sentimentos que aproximam os apresentadores e comentaristas à audiência por meio do afeto. Em relação a agentes do Congresso envolvidos na articulação da urgência do projeto, apresentadores e comentaristas buscam, principalmente, responsabilizá-los e criticá-los.

As críticas são gerais, direcionadas à atuação no caso, omissão em relação ao PL, ou mesmo tomam forma de denúncia de chantagem empreendida contra o governo. Já os sentimentos variam:

- **indignação** (p.ex., “Isso aí é um negócio feito pra disciplinar o corpo das mulheres, pra disciplinar a sexualidade das mulheres, entendeu?”, Celso R. Barros no *Foro*, ao criticar a bancada evangélica).
- **desprezo** (p.ex., “aquela encenação feita por uma contadora de histórias, algo grotesco, de péssimo gosto, reduzindo uma questão de saúde pública e de extrema gravidade a uma pantomima”, opinião de Vera Magalhães na *CBN*).
- e, em alguns casos, culmina no **ódio ou raiva** (“Você se revelou. Se há algo de positivo nesse troço que não vai adiante, ainda que aprovado, porque ele vai ser considerado inconstitucional, é você mostrar sua cara. É você mostrar a cara do que você representa”, e fala de Reinaldo Azevedo sobre Sóstenes Cavalcante).

Figura central, Arthur Lira é criticado pela atuação ou responsabilizado em todos os podcasts, com exceção de *Oeste sem Filtro* e *Pingos nos Is*. *O É da Coisa*, *A Hora* e *ICL* destacam a chantagem sobre o governo, tendo este último programa alimentado sentimentos de repúdio e raiva. A bancada evangélica e Sóstenes Cavalcante, seu representante, são mencionados em podcasts como *A Hora*, *CBN Política*, *O Assunto*, *O É da Coisa* e *Foro de Teresina*.

O tom agressivo muitas vezes se repete no tratamento a outros opositores. Quase todos os programas se referem a um “eles” genérico – que pode ser “os deputados”, “a esquerda”, “as pessoas que defendem aborto” etc. – generalizando o desprezo pelo pensamento

contraditório. Os podcasts inclinados à direita acusam “eles” de censura e de mentiras, mobilizando sentimentos de raiva; os demais tratam “os outros” com reprovação, depreciação e ataques (*CBN Política*, *O É da Coisa*, *ICL*), geralmente mobilizando sentimentos como indignação e desprezo. *O Assunto* denuncia a opressão desse “eles” (os conservadores), com repúdio e raiva, enquanto *Foro* denuncia e ataca a misoginia, com desprezo.

Há também responsabilização e críticas à direita e ao bolsonarismo pelo avanço do PL, mas outros tratamentos se fazem presentes, como ataques e reprovações: p.ex., Daniela Lima no *O Assunto*: “a centro-direita que vai vir depois da eleição municipal, provavelmente vai ser uma centro-direita fortalecida pelo resultado da urna, o que vai ampliar essa fome”; e o desafo de Celso R. Barros, no *Foro* “Eu acho uma depravação moral absolutamente indescritível esse negócio, sinceramente. É uma falta de vergonha na cara do sujeito que aprova um negócio assim, que realmente é difícil você falar o que você acha sem tomar um processo”.

Algumas vezes, a reprovação, ataque ou acusação é pontual: como neste trecho em que Ana Paula Henkel, no *Oeste sem Filtro*, acusa “eles” (a esquerda e a mídia) de censura:

“enquanto eles querem nos calar, enquanto eles querem calar um lado do espectro político ideológico e calar jornalistas independentes, a nossa reação não é a mesma. A gente quer que eles falem, falem, falem bastante, porque quanto mais eles falam, mais eles expõem as vísceras podres dessas pessoas que insistem em querer assassinar bebês nos ventres de suas mães”.

É preciso anotar, ainda, que a esquerda política é referida em três podcasts: Malu Gaspar, *CBN Política*, critica a omissão diante do PL; no *Papo Antagonista* é corresponsabilizada pelo avanço da urgência do PL; e no *Pingos nos Is* é acusada de beneficiar criminosos e de lutar por abrandamento de penas (inclusive por estupro), justificando que a pena de homicídio à mulher que aborta, prevista no PL, não seria alta: a pena ao estuprador que seria baixa.

2.2. O anúncio do pacote fiscal

Cada programa analisado trouxe uma abordagem distinta ao pacote fiscal. Enquanto programas à esquerda reforçaram a isenção do imposto de renda para quem ganha até R\$5 mil, os programas mais à direita trataram os cortes como insuficientes e justificaram, portanto, a reação do mercado financeiro – ações coordenadas que causaram a disparada do dólar. Uma análise global das estratégias e recursos empregados pelos programas está resumida na **Tabela 4**.

TABELA 4
Resumo da atuação dos podcasts no anúncio do pacote fiscal

Podcast	Tratamento de informações	Recursos Discursivos	Grau Imparc
A Hora	Embasado, Viés	Valores jornalísticos, Retórica (ironia; simplificação)	Esq-1
CBN Política	Opinião, Viés	Valores jornalísticos, Opinião assertiva	Dir-1
O Assunto	Embasado, Viés, Correção	Valores jornalísticos, Viés de terceiro	Dir-1
O E Da Coisa	Opinião, Viés, Correção	Valores jornalísticos, Opinião assertiva, Retórica (ironia; complexificação; Erudição)	Esq-1
Foro de Teresina	Embasado, Opinião, Viés	Valores jornalísticos, Opinião assertiva, Retórica (Ironia)	Esq-1
ICL Notícias	Opinião, Viés	Valores jornalísticos, Opinião assertiva, Desmoralização, Retórica (erudição; combativa: ofensiva), Viés de terceiro	Esq-2
Oeste Sem Filtro	Opinião Viés, Questionáveis, Distorção, Fake News	Opinião assertiva, Viés de terceiro, Desmoralização, Retórica (combativa: destrutiva)	Dir-3
Papo Antagonista	Viés, Questionáveis, Distorção, Fake News	Valores jornalísticos, Opinião assertiva, Retórica (ironia), Desmoralização	Dir-2
Pingos nos Is	Opinião, Viés, Distorção	Valores jornalísticos, Opinião assertiva, Retórica (Ironia), Desmoralização, Viés de terceiro	Dir-2

Observamos que boa parte dos podcasts usa alguma estratégia de se legitimar jornalisticamente: destaque à independência editorial; menção a experiências profissionais dos participantes; destaque à dedicação ao trabalho; afirmação de suposta qualidade das fontes. Também, em consonância com o formato do programa, a opinião é, comumente, expressada como uma verdade. Em relação ao grau de imparcialidade identificado nos programas, percebemos extremos (grau 3), militância de esquerda ou posicionamento neoliberal à direita (grau 2) e progressismo moderado à esquerda, ou liberalismo de mercado à direita (grau 1). Não houve, nesta análise, programas genuinamente imparciais.

É preciso destacar que, em todos os programas, as informações foram tratadas a partir de um viés. Isso significa, principalmente, que apresentadores, comentaristas e entrevistados, muitas vezes, escolheram contar apenas uma parte da história, exageraram nas análises, ou trouxeram dados inexatos (p.ex., o entrevistado Vandick Silveira, no *Papo Antagonista*, “vai precisar encontrar alguma outra forma de financiar esse buraco, mais os R\$ 200 bilhões de déficit primário que a gente já tem, somados ao déficit fiscal total, que bate quase 10% do PIB”; e Fábio Pannunzio, no ICL “não falam sobre o escracho que é aumentar a taxa de juros para onerar

mais ainda o Estado brasileiro? Porque a cada meio ponto que sobe a taxa de juros... são mais 21 bilhões que saem do orçamento da União e vão para o bolso dos especuladores”).

Houve, nos dias após o anúncio do pacote fiscal, certa confusão sobre as mudanças nas políticas do imposto de renda. Assim, sem ainda compreender profundamente as mudanças propostas, quase todos os veículos reportaram a notícia de forma enviesada, dando sustentação às suas visões de mundo. Entretanto, dois programas corrigiram informações incorretas ou distorcidas que circulavam nos diferentes canais midiáticos: *O Assunto* (“uma parte relevante disso que aconteceu com a nossa taxa de câmbio não tem a ver com a questão doméstica, tem a ver com movimentos internacionais”, corrige o entrevistado Braulio Gomes) e *O é da coisa*, com Azevedo (“A economia brasileira está indo para o brejo? A economia brasileira está sendo destruída? Está sendo corroída por alguma coisa? Isso é mentira”).

Cabe destacar, ainda, alguns outros apontamentos gerais sobre a condução do tema ao longo dos programas analisados:

TABELA 5
Apontamos gerais sobre foco escolhido e condução da matéria

Podcast	Foco	Minimiza/Ignora	Condução
A Hora	Bastidores do governo ao decidir os cortes (tipo, dimensão e alcance) e a contrapartida social (isenção do IR).	Simplifica e dedica pouco tempo a explicar o alcance dos cortes de gastos.	Destaca a apuração junto a fontes do governo sobre como foi a decisão pelo pacote fiscal.
CBN Política	Bernardo Mello Franco traz a notícia de forma mais neutra, não defende o mercado e faz crítica aos privilégios que seriam cortados com os ajustes propostos. Lauro Jardim foca na publicidade feita pelo governo, de modo crítico, apontando que as propostas são uma peça criada para melhorar a aprovação. Malu Gaspar não comenta o pacote: noticia que a votação empaca no congresso e responsabiliza o governo. Merval Pereira analisa o conjunto, mas com contradições entre econômico e social. Vera Magalhães não discute o mérito das propostas, mas culpa o governo pelo duplo anúncio.		
O Assunto	Explicar os impactos do pacote fiscal como um todo, do ponto de vista econômico.	Impactos sociais da isenção do imposto de renda.	Um único analista é entrevistado. Apesar de reconhecer avanços dos cortes e a tributação de superricos, critica a isenção aos mais pobres. Assim, assume parcialmente o ponto de vista do mercado financeiro, que cobrava maior equilíbrio fiscal. Natuza Nery tem atuação próxima da neutralidade.

Podcast	Foco	Minimiza/Ignota	Condução
O É Da Coisa	Inconsistências dos discursos em redes sociais e em outros veículos sobre o pacote fiscal.	Detalhamentos dos cortes e impactos sociais.	Reinaldo Azevedo usa erudição e ironia para desqualificar analistas e consultores que criticaram o pacote de cortes de gastos.
Foro de Teresina	Os benefícios imediatos da isenção de IR.	Aspectos negativos dos cortes de gastos.	Alguns dados gerais sobre economia e defesa do pacote como um todo, em contraponto a outros veículos.
ICL Notícias	Defender o pacote fiscal.	Detalhes sobre os cortes de gastos.	Inicialmente interpretam de forma equivocada a solução para a isenção do IR. Defendem medidas sociais mais profundas, ao custo do equilíbrio fiscal. Entrevistados são agentes do governo, do PT e economista alinhado ao pensamento de esquerda. Editorial de Eduardo Moreira responsabiliza Roberto Campos Neto.
Oeste Sem Filtro	Descrédibilizar o pacote fiscal por meio da desmoralização do governo. A forma como o pacote repercutiu no mercado financeiro.	Não criticam a isenção do imposto de renda para ganhos até R\$ 5 mil. Não analisam em detalhes os cortes propostos.	Entrevistados são, em geral, políticos da oposição.
Papo Antagonista	Riscos da isenção do IR ao equilíbrio fiscal e insuficiência dos cortes de gastos por não serem “estruturais”.	A proposta de compensação dos custos da isenção do IR por meio da reforma da taxa da renda.	Entrevistados são de consultorias e agências de investimento – apenas um ponto de vista. Ataques ao governo petista são constantes.
Pingos nos Is	Descrédibilizar o pacote fiscal como uma propaganda eleitoral, carregada de cortes insuficientes.	A proposta de compensação dos custos da isenção do IR por meio da reforma da taxa da renda.	Entrevistado é opositor ao governo. Incorrecções e distorções são usadas para validar ponto de vista. Ataques diretos a pessoas do governo.

Ao comentar o conjunto de medidas anunciadas por Fernando Haddad, os podcasts que não indicam inclinação política agiram de modos distintos sobre o tema. *A Hora* contemporizou as medidas, cultivando sentimentos como “indignação” contra os privilégios dos mais ricos e a “satisfação” com as medidas referentes ao imposto de renda (“isso foi ruim, mas foi bom”, disse Toledo sobre o conjunto). Os colunistas da CBN apoiaram apenas os cortes de gastos, mostraram descrédito quanto à eficácia das medidas anunciadas e, em boa medida, refletiram o ponto de vista de investidores. Reinaldo Azevedo limitou-se a elogiar o pacote de medidas,

alimentando o sentimento de esperança. Esse sentimento também foi dominante no *O Assunto*, em que o entrevistado criticou defeitos na proposta de cortes mas, em geral, elogiou o esforço do governo. Com exceção a *O É da Coisa*, os demais programas anotaram que o anúncio de duas medidas foi atabalhado, resultando em incertezas no mercado financeiro.

Os dois programas inclinados à esquerda foram cuidadosos em apontar o que consideraram defeitos, por conta dos cortes anunciados, enquanto o foco recaiu sobre o elogio geral, com ênfase sobre os ajustes no IR. Em comparação, os programas inclinados à direita incitaram o descrédito e a depreciação das medidas, movimentando sentimentos de indignação e até mesmo ódio generalizado à esquerda, ao PT e a indivíduos, como Lula e Haddad.

No recorte sobre como os participantes dos podcasts se referem a pessoas e entidades que estão em outra posição no espectro político-ideológico, destacam-se o governo e o “mercado”. Em relação ao governo, enaltecem e o defendem *A Hora*, *O é da Coisa*, *Foro de Teresina* e *ICL* (“gente dá o voto de confiança para o governo”, disse Eduardo Moreira.). Os programas à direita, por sua vez, depreciam agentes do governo (p.ex., “parece que o anúncio de anteontem foi feito por iniciantes, pessoas que não conhecem da política”, Dávila, no *Pingos nos Is*; “Vem essa propagandinha sem vergonha, que só mostra como esse governo está alucinado e não tem conexão com o Brasil”, Duda Teixeira, no *Papo Antagonista*). Esses programas também comparam a política fiscal do governo Lula com a de governos anteriores.

Já no CBN Notícias cada colunista tem uma atitude diferente. Bernardo Mello Franco contemporiza que “ao fazer essa opção política, o governo compra brigas maiores, é mais difícil mexer em interesses que afetam lobbies”, Malu Gaspar critica e responsabiliza o governo pela dependência dos outros poderes, Vera Magalhães deprecia a atuação do governo, afirmando que Lula “se pôs a duelar contra moinhos de vento que seriam o tal mercado que nada mais é do que quem investe no Brasil”, e Merval Pereira critica diretamente Lula por não permitir um ajuste fiscal com mais cortes no social.

Em relação aos sentimentos, prevalece a indignação entre os colunistas da CBN e dos podcasts à direita – os quais também trazem desprezo e alimentam o ódio. *A Hora* e *O é da Coisa* fomentam solidariedade e esperança tanto quanto *ICL*, mas este último traz um grau de ceticismo e incerteza por duvidar dos cortes em medidas sociais.

Já o tratamento destacado aos agentes do mercado financeiro inverte, em certa medida, o polo das opiniões e julgamentos. Os programas à direita tendem a assumir o ponto de vista de investidores e banqueiros (p.ex., “as pessoas que a gente chama coletivamente de mercado,

mercado somos todos nós”, Roberto Motta, *Pingos nos Is*), tanto quanto criticam uma suposta passividade dos agentes que teriam “acreditado” no governo petista (“e a turma dos Faria Leimers... todo mundo muito respeitado renomado e bem-sucedido que fez o L. Esse pessoal não tinha a menor noção do que era o PT e do que queria o Lula?”), Rodrigo Constantino, no *Oeste Sem Filtro*).

Demonstram viés mais crítico aos agentes do mercado, com certo distanciamento, tanto os programas à esquerda como os jornalísticos centrados em figuras de renome como Reinaldo Azevedo (“eu nunca vi gente que erra tanto ser tão arrogante”), Thais Bilenky e José Roberto Toledo (“o Haddad está desprestigiado e por isso o dólar disparou, mas isso a gente sabe que é conversa fiada”). Nota-se, também, uma progressão de sentimentos que vai da indignação à raiva, passando pelo desprezo.

Com relação aos demais “outros” a quem os apresentadores e entrevistados se referem em cada programa, vale anotar algumas situações.

1. Os três programas inclinados à direita referem-se a quadros do Partido dos Trabalhadores, com acusações e depreciações (por exemplo, Duda Teixeira no *Papo Antagonista*: “Quem é pior, Tebet ou Gleise? Ah, eu acho que é Glaze, né? A Gleise é mais caricata. É, em algum momento a Tebet até prestou, né? Até entrar nesse governo”).
2. Os dois programas à esquerda mencionam os militares – beneficiários de políticas previdenciárias e de super-salários – como corresponsáveis pelo problema fiscal (p.ex., Ana C. Costa, do *Foro*, ao falar da taxa mínima de 10%: “à luz desse mínimo, eu queria só, para a gente passar um pouco de raiva, comentar com vocês o caso de um coronel”)
3. *ICL Notícias*, *Oeste Sem Filtro* e *Papo Antagonista* acusam a “mídia” de parcialidade na cobertura, favorecendo “o outro lado” (p.ex., Pannunzio no *ICL*: “toda vez que eu quero passar raiva, eu ligo a CNN para ouvir as notícias sobre os pacotes”; e Augusto Nunes no *Oeste Sem Filtro*: “Jornais fazem o possível, jornais estatizados para ajudar aos dois. Eles não entendem o que o Lula e o Haddad estão falando, mas eles ficam a favor”).

3. Discussão à luz da teoria do *newsmaking*

Como já observamos, tratamos aqui de recortes em que se analisam as abordagens e estratégias discursivas de 9 podcasts sobre os temas PL 1904/2024 e pacote fiscal. As observações dizem respeito exclusivamente às circunstâncias dos programas nos episódios que discutiram os dois temas. Da metodologia de classificações praticada acima é possível sintetizar os posicionamentos dos podcasts analisados, confrontando-os com a teoria do *newsmaking*.

Independentemente das decisões editoriais que cada podcast toma como sua própria identidade, todos eles passam por processos semelhantes no que diz respeito ao conjunto de ações com vistas a “fechar cada edição”, como se usa dizer em ambientes de produção jornalística. Essas semelhanças configuram a prática do *newsmaking*, estudos de produção de notícias que buscam identificar caminhos e regras usados por meios de comunicação para organizar informações. Toda produção jornalística possui um prazo para ser finalizada, estar pronta para ser disponibilizada ao público. Isso gera uma pressão de tempo que inflexiona na velocidade que se aplica na produção. Por isso, “nem sempre o jornalista consegue falar com a fonte diretamente, às vezes só existem fontes de segunda mão, em particular assessores de imprensa e *press release*.” (Martino, 2013, p.38). Nessa conta de fontes de segunda mão incluímos um interlocutor que ouviu um comentário de um ministro sobre uma conversa com o presidente, citada dessa forma por alguma ou algum jornalista desses podcasts analisados.

Os jornalistas buscam utilizar informações vindas de fontes para se proteger de críticas sobre distorções. Sem inventar ou alterar conteúdo da informação, é possível ao jornalista criar a cadeia de significados que pretende (Martino, 2013), em ação de “ritual estratégico” (Tuchman, 1978) que diminui a responsabilidade do jornalista e permite mudar o que achar necessário sob uma visão de objetividade.

Entre as práticas que o *newsmaking* estuda está a noticiabilidade, “um conjunto de critérios, operações e instrumentos para escolher entre inúmeros fatos uma quantidade limitada de notícias” (Pena, 2015, p.130) e os valores-notícia (Traquinas, 1995), conceito coligado à noticiabilidade. Ambos direcionam as escolhas a serem feitas segundo convenções que estão na base do jornalismo ocidental. Dessas convenções fazem parte, por exemplo, a magnitude do acontecimento, a significação como proximidade cultural, fatos raros ou inesperados, e mesmo notícias do “primeiro mundo”, entre outras (Martino, 2013). As escolhas que os jornalistas fazem estão de acordo com a figura do *gatekeeper* (White, 1995), que, adaptado ao nosso tempo, é o responsável por decidir o que entra como notícia na produção dos programas que

analisamos. Assim, o *gatekeeper* vai atuar de acordo com a linha editorial da empresa de comunicação para a qual trabalha, linha necessariamente introjetada em sua compreensão de mundo.

Os estudos de *newsmaking* também podem identificar o impacto das diferentes linhas editoriais de podcasts quando tratam da mesma informação, mas suas posições ideológicas pessoais ou corporativas os fazem criar imagens completamente diferentes sobre o mesmo assunto. Assim, enquanto, de forma geral, *A Hora*, *O Assunto*, *Política CBN*, *Foro de Teresina*, *O É da Coisa* e *ICL Notícias* variaram suas críticas e responsabilizações contra a igreja evangélica, Congresso Nacional, deputado Arthur Lira, deputado Sóstenes Cavalcanti, a direita e o bolsonarismo no caso da PL 1904/2024, sendo ainda que *ICL Notícias* criticou também a Mídia; por outro lado o *Pingos nos Is*, *Papo Antagonista* e *Oeste sem Filtro* aproveitaram a oportunidade de tratar sobre o mesmo assunto para criticar e responsabilizar principalmente o Congresso e a Mídia, sendo que houve ainda defesa do ponto de vista religioso (*Papo Antagonista*).

Sobre o pacote fiscal, enquanto *Papo Antagonista*, *Pingo nos Is* e *Oeste sem filtro*, em geral, criticaram, responsabilizaram, difamaram, depreciaram e ironizaram o governo; sobre o mesmo assunto *A Hora*, *O É da Coisa* e *Foro de Teresina* ficaram entre enaltecer, elogiar e defender o governo. *ICL Notícias*, *CBN Política* e *O Assunto* oscilaram entre elogio, crítica e depreciação.

Não apenas que diferentes modos de olhar o mesmo fenômeno mudam radicalmente a composição do discurso e a responsabilização de agentes conforme os críticos são moralmente formados e/ou introjetam a linha editorial do grupo de comunicação que trabalham, como também podcasts compostos por diferentes opiniões e posicionamentos distintos tornam-se híbridos em suas identidades ideológicas (sobretudo *O Assunto* e *CBN Política*, ambos do Grupo Globo, conglomerado de Comunicação que costuma em todos os seus programas de análises políticas mesclar conservadores e progressistas na área do jornalismo opinativo).

Também é sempre possível jornalistas migrarem de um podcast para outro com diferente conduta editorial. Um fato que justifica essa perspectiva é o exemplo do *A Hora*, podcast sustentado na plataforma de notícias UOL, conduzido por José Roberto de Toledo e Thais Bilenky. Identificado como “apartidário”, o podcast é apresentado pela mesma dupla que trabalhava no *Foro de Teresina*, em que prevalecem valores da esquerda política. Da mesma forma, Malu Gaspar, participante do *CBN Notícias* – característico pela variedade de opiniões nem sempre concordantes – já esteve no *Foro* (leia-se sempre Revista Piauí, a empresa maior por trás do

podcast). Temos ainda Reinaldo Azevedo: criador do *Pingos nos Is* quando estava na Jovem Pan. Hoje, *nO é da Coisa*, seria incapaz de reproduzir a pauta e o discurso exigido por aquela linha editorial – muito porque ele também mudou sua conduta. Essas mudanças não os invalida como jornalistas praticantes das principais regras da profissão. Apenas demonstra a flexibilidade à qual necessitam aderir, conforme a linha editorial da empresa em que estejam exige, já introjetada na forma de pensar e no discurso, de acordo com as vertentes da teoria do *news-making*.

Portanto, em princípio, apenas o que torna todos semelhantes é a adoção, por cada um, de formas de produção da informação muito aproximadas entre si, pelos comportamentos e ações de equipes ou pequenos grupos de jornalistas envolvidos em cada produção.

Não seria possível darmos conclusão às análises propostas neste artigo sem passar pela fatal questão ideológica que atinge tanto jornalistas individualmente, quanto organizações de notícias globalmente. As teorias do jornalismo sobre as estratégias de abordagens desses nove podcasts apresentados nos são úteis para uma perspectiva de análise de estudos da comunicação praticada em busca da chamada “verdade”, ponto nunca atingido e sempre almejado conforme um dos dogmas do jornalismo ocidental. Porém, teorias do jornalismo ainda deixam a desejar sobre tendências ideológicas de pessoas e corporações de comunicação impactadas por sua própria formação, suas crenças, sobretudo em um Brasil acometido pela polarização.

Avançamos neste campo, e para isso devemos separar os podcasts em dois grupos. Um deles é formado pelos programas que se auto-declaram condutores de um “jornalismo apartidário”, sem tendência política indicada, a tentar praticar um equidistanciamento da questão que estejam tratando (*O Assunto; A Hora; CBN Política; O É da Coisa*). Em outro grupo os programas que demonstram uma tendência, ou à direita, ou à esquerda (mostrando a atividade da polarização que apresentamos como fato no início deste artigo), sendo eles *Os pingos nos Is, Oeste sem Filtro, Papo Antagonista, Foro de Teresina e ICL Notícias*.

Neste segundo grupo, um tanto mais radical que o primeiro, repousa a própria polarização, pela disputa de ideias que se contrapõem em seus princípios, de forma que podemos separar os cinco podcasts entre conservadores (*Os Pingos nos Is, Oeste sem Filtro, Papo de Antagonista*) e progressistas (*ICL Notícias e Foro de Teresinha*). Essa nova separação é providencial para discutirmos o uso de vieses, distorções e *fake news*, mais comuns instrumentos de desinformação do grupo declaradamente à direita do espectro político (ver **Tabelas 2 e 4, Tratamento da informação**).

Portanto, a partir do fenômeno das fake news – que sequer é novo na prática jornalística, mas ganhou dimensões expandidas com as possibilidades exponenciais de produção de notícias por redes sociais – esse mais recente recurso retórico repaginado nas entranhas da extrema-direita internacional ganha divulgação no bojo de um tipo de prática jornalística cujos praticantes atribuem o título de “jornalismo profissional”, e se consideram tão profissionais quanto os que não produzem *fake news*.

Ainda que possamos concordar com Albuquerque (2021) de que as agências de *fact-checking*, que tencionam desmontar redes de *fake news* disseminadas em mídias contemporâneas sejam produto de uma intenção neoliberal de domínio de uma única “verdade”, é notável como a forma comumente sensacionalista das *fake news* provoca ruptura no que o sistema neoliberal de políticas econômicas sustenta como “democracia”.

A questão atual, complexa como digerir um elefante, não se resolve por fact-checking, um mata-formigas. Falsificam-se as próprias checagens. Problema mesmo é a naturalização do fluxo artificial, em que mentiras e deep-fake são linguagem de outra realidade, superposta ao real-histórico. Na rede, a substância do que se diz não pertence à consciência psicológica, mas à potência lógica da máquina, que a ultrapassa. Verdade é de menos, basta a aderência tátil do sujeito. (Sodré, 2024)

Neste sentido, as mentiras constituídas e/ou disseminadas pelos podcasts de direita que analisamos são a face mais facilmente descoberta de intenções ideológicas por trás do discurso inverídico, ao passo que os podcasts mais estruturados em questões como os valores-notícia, como *O É da Coisa* (ainda que seja difundido em uma rede de rádio de um poderoso conglomerado de comunicação brasileiro, participante do sistema neoliberal de política econômica, conta com a liberdade de opinião de Reinaldo Azevedo, que nem sempre converge com a opinião do conglomerado), *Foro de Teresina* e, em menor medida, o *ICL Notícias*, sejam reputados por nós como sustentados em bases que menos demonstram, com estrutura narrativa, tendências a compactuar completamente com o *status quo* neoliberal. Mesmo assim, ressalva-se que tanto Reinaldo Azevedo quanto os participantes do *Foro* possuem amplitude ideológica suficiente para discutir questões em apoio a ideias neoliberais, por exemplo na área do desenvolvimento e reserva de direitos de exploração da terra, seja como extrativismo, seja como agro-negócio.

Dessa perspectiva, também observamos como problema os outros seis podcasts, que não se declaram de direita, se apoiarem em instituições de *fact-checking* pertencente ao sistema neoliberal dominante no Ocidente, pois a versão desses “institutos” termina por praticar certo sequestro da “verdade” e difundir sua posse exclusiva (Albuquerque, 2021).

É essa questão de verdadeira guerra cultural (Rocha, 2021) que segue a lançar o país na polarização em que fomos ingressando a partir das manifestações que desembocaram no impeachment da presidente Dilma Rousseff (2016), e que contamina em certa medida a produção jornalística, sobretudo quando cercada por uma atmosfera de *fake news*.

Os estudos de jornalismo baseados na teoria do *newsmaking* partiram das práticas para identificar modos de produção, pensamentos estratégicos, operações, critérios e escolhas que terminam por justificar as decisões editoriais de conteúdo de qualquer dos podcasts analisados, seja qual for a escolha editorial de reforço positivo ou crítica destrutiva a quem interessa fazer. Porém, foram todos formulados antes do fenômeno das *fake news* e pós-verdade, de forma que nesses tempos de “pós-informação” (Sodré, 2024), o exercício possível a se fazer é ouvir/ler/assistir os resultados de práticas jornalísticas que nos interessa, atentos ao discurso, pois por ele jornalistas demonstram o que são, quando expressam o que pensam.

Considerações finais

No cenário de divisão política atual, a mídia brasileira, exemplificada aqui em podcasts, lança mão de recursos discursivos que por vezes se afastam das práticas jornalísticas da neutralidade para promover engajamento dos ouvintes. Invariavelmente, acabam por reproduzir um tipo de populismo digital que circula nos sites de redes sociais e nas atitudes de políticos: substantivos como “nós” e “o povo” são reconstruídos por meio de apelos emocionais, morais e estéticos como esperança, justiça e mudança, mas também ódio e ressentimento (Cesarino, 2020). As opiniões agressivas e as informações distorcidas alimentam uma “verdade”, que passa a ser encarada como a realidade. Assim, “o outro” é tratado como algo a ser temido e derrotado (Brons, 2015).

Este artigo analisou a conduta de apresentadores e participantes de nove podcasts jornalísticos para apontar algumas estratégias discursivas que sinalizam suas tomadas de posição e delimitação simbólica. Sob a ótica do *newsmaking* hodierno, questões político-econômicas – como orientação neoliberal das empresas, e a falta de tempo e recursos – também tensionam a produção de informação, mesmo em podcasts criados apenas para o ambiente digital, e que contariam com mais tempo de produção.

Desta feita, o tratamento dado aos temas abordados e a representação do outro tornam-se aspectos centrais, mobilizando sentimentos e afetos na audiência. Como afirma Kischny (2024, p.99), “podcasts têm o potencial de estreitar vínculos afetivos, fomentar um

sentido de comunidade, seja linguística, territorial ou em termos de afinidades políticas, étnicas, de gênero ou culturais”. Funcionam, portanto, como ponto de fixação de discursos que circulam num fluxo adiante (Braga, 2017), estruturando e consolidando visões de Brasil que marcam a divisão política contemporânea.

Dado o espaço do artigo, não foi possível apresentar os dados e as análises em profundidade, de modo que a argumentação tenta se apoiar em exemplos. Fica de fora, por exemplo, a necessária discussão sobre classes sociais, marca discursiva utilizada especialmente pelos apresentadores dos podcasts para legitimar suas tomadas de posição. Também foi pouco discutido o tema da pré-mediação operada como forma de controle e chamada à ação por meio de antecipações de futuros em potencial. São temas a serem explorados em trabalhos futuros.

Referências

- ALBUQUERQUE, A. As Fake News e o Ministério da Verdade Corporativa. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 23, n. 1, p. 124–141, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/14670>. Acesso em: 15 fev. 2026.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRAGA, J. L. Matrizes interacionais. In Braga, J. L. *et al.* **Matrizes Interacionais**. João Pessoa: EDUEPB, 2017, pp.15-70
- BUCHER, T. **If...Then: Algorithmic Power and Politics**. New York: Oxford University Press, 2018.
- CESARINO, L. (2020), ‘Como vencer uma eleição sem sair de casa: A ascensão do populismo digital no Brasil’, **Internet & Sociedade**, vol.1, n.1, p.91–120, 2020. Disponível em: <https://cutt.ly/AtQvrvLm>. Acesso em 19 fev. 26.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FAUSTO NETO, A. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, v. 6, n. 2, p. 08–40, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rzm.v6i2.13004>. Acesso em: 27 fev. 2025.
- FUKS, M.; MARQUES, P. H. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **Opinião Pública**, v. 28, n. 3, p. 560–593, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-01912022283560>. Acesso em: 27 fev. 2025.
- GAMBARO, D. Podcast e política: uma tecnografia de três plataformas de streaming no Brasil. **Observatorio (OBS*)**, v. 19, n. 1, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.15847/obsOBS19120252633>. Acesso em 21 jun. 2025
- KISCHINHEVSKY, M. **Cultura do podcast**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.
- LAMONT, M.; MOLNÁR, V.. The Study of Boundaries in the Social Sciences. **Annual Review of Sociology**, v. 28, n. 1, p. 167–195, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.28.110601.141107>. Acesso em: 21 jun. 2025
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015
- MARTINO, L. M. S. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- NEWMAN, N. *et al.* **Digital News Report 2025**. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.60625/risj-8qqf-it36>. Acesso em: 9 fev. 2026.
- ORTIZ, R. **Universalismo e diversidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2015.

ROCHA, J. C. C. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ROXO, S.; et al.. Lula diz que polarização atrapalha avaliação do governo. **O Globo**, 17 dez. 2025. Disponível em: <https://cutt.ly/9tnrDQgO>. Acesso em: 9 fev. 2026.

SODRÉ, M. Desinformação não é mais palavra-chave: o tempo é de pós-informação. **Folha de S.Paulo**, 3 fev. 2024. Coluna. Disponível em <https://cutt.ly/9tQIDzxU>. Acesso em: 16 fev. 2026.

TRAQUINAS, Nelson. **Jornalismo**: questões, Teorias e ‘estórias’. Lisboa: Vega, 1995.

TRAUMANN, T. O abismo da polarização | Thomas Traumann. **Veja**, 27 out. 2025. Disponível em: <https://cutt.ly/1tnrDPQX>. Acesso em: 9 fev. 2026.

TUXMAN, G. **Making news**: a study in the construction of reality. New York: Free Press, 1978.

WHITE, D. M. Gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINAS, N. **Jornalismo**: questões, Teorias e ‘estórias’. Lisboa: Vega, 1995.